

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS
CURSO LICENCIATURA PLENA EM LETRAS**

ERIKA RAVENNA DA SILVA PIRES

**DIFICULDADES DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA
TURMA DE 2º ANO DA ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PICOS- ENOP**

PICOS-PI

2017

ERIKA RAVENNA DA SILVA PIRES

**DIFICULDADES DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA
TURMA DE 2º ANO DA ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PICOS- ENOP**

Monografia apresentada ao Curso de
Licenciatura Plena em Letras da Universidade
Federal do Piauí - UFPI como requisito parcial à
obtenção do título de graduada em Letras.
Orientadora: Fernanda Martins Luz Barros

PICOS-PI

2017

FICHA CATALOGRÁFICA

**Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí
Biblioteca José Albano de Macêdo**

P667d Pires, Erika Ravenna da Silva

Dificuldades de leitura no ensino médio: um estudo de caso em uma turma de 2º ano da escola normal oficial de Picos-ENOP / Erika Ravenna da Silva Pires. Picos – 2017.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (39 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura Plena em Letras) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador(A): Prof. Ma. Fernanda Martins Luz Barros

1. Leitura. 2. Dificuldades. 3. Ensino Médio . I. Título.

CDD 370.1523

ERIKA RAVENNA DA SILVA PIRES

**DIFICULDADES DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA
TURMA DE 2º ANO DA ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PICOS- ENOP**

Monografia apresentada ao Curso de Licenciatura
Plena em Letras- Língua Portuguesa e Literatura de
Língua Portuguesa da Universidade Federal do
Piauí – UFPI como requisito parcial à obtenção do
título de graduada em Letras.

Aprovada em: 12 / julho / 2017

BANCA EXAMINADORA

Fernanda Martins Luz Barros

Prof.^a Me. Fernanda Martins Luz Barros
(Presidente)

Luciana Maria de Aquino

Prof.^a Me. Luciana Maria de Aquino
(1º examinador)

Líliã Brito da Silva

Prof.^a Me. Líliã Brito da Silva
(2º examinador)

AGRADECIMENTOS

A Deus, que me ilumina e me protege;

A meus pais e familiares pelo apoio;

A professora orientadora Fernanda Martins, que me ajudou na realização desse trabalho;

Aos meus amigos que contribuíram e ajudaram para meu crescimento pessoal e acadêmico;

A todos que direto ou indiretamente contribuíram para a elaboração deste trabalho.

Dedico este estudo ao meu filho, pois nele busquei forças para alcançar meus objetivos e aos meus familiares pelo incentivo e apoio.

RESUMO

No contexto atual, falar sobre a prática de leitura significa falar em uma diversidade de práticas sociais que envolvem o uso consciente, crítico e reflexivo da linguagem, exigindo dos falantes muito mais do que o conhecimento linguístico. Apesar disso, sabe-se que a leitura na escola muitas vezes não vai além da mera decodificação de signos gráficos e essas experiências contribuem para o distanciamento dos alunos de práticas eficientes de leitura. Numa visão mais ampla, a leitura surgiu como imanente à própria história da civilização, possibilitando ao homem se expressar, estreitar laços de afetividade e se organizar politicamente. Com o intuito de analisar os principais fatores que tem contribuído para a dificuldade de compreensão da leitura por parte dos alunos do segundo ano do ensino médio da escola Normal Oficial de Picos, tendo como objetivos específicos: Identificar as estratégias de leitura utilizadas pelo professor no tocante ao trabalho com o texto em sala de aula; Verificar os fatores que tem contribuído para dificultar a compreensão do texto; e Identificar as estratégias de construção de sentidos utilizadas pelos os alunos no processo de compreensão textual. Para tanto, baseou-se nos estudos de Freire (2002), Teodoro (2007), Martins (2012), Freitas (2015), entre outros. O *corpus* desta pesquisa é composto por 15 questionários preenchidos pelos alunos do 2^a ano do Ensino Médio da Escola Normal Oficial de Picos- ENOP, por 01 questionário preenchido pela professora de Língua Portuguesa da referida série, além da realização de observações, configurando-se como uma pesquisa de cunho qualitativo. A análise dos dados revela que a prática de leitura ainda está muito presa às práticas tradicionais, voltada muitas vezes à mera decodificação de signos, impossibilitando aos alunos o desenvolvimento de uma postura ativa frente às leituras realizadas, ampliando ainda mais as dificuldades e limitações desses atores no meio social.

Palavras-chave: Leitura. Dificuldades. Ensino Médio. Decodificação.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
1 A LEITURA E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS	11
1.1 Leitura: visão histórica e social	11
1.2 Diferentes concepções de leitura	13
1.3 Leitura na escola e o papel do professor.....	16
1.4 A construção dos sentidos no ato da leitura.....	18
2 A FORMAÇÃO DE LEITORES E O LETRAMENTO	22
2.1 O desenvolver e o ato de estimular a leitura.....	23
2.2 O letramento e as práticas sociais de leitura.....	24
3 METODOLOGIA	27
4 ANÁLISE E COMPREENSÃO DO PROCESSO DE LEITURA NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO	29
CONSIDERAÇÕES FINAIS	34
REFERÊNCIAS	36
APÊNDICES	37

INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da leitura e as dificuldades inerentes a sua efetiva prática é um tema de grande relevância para os profissionais da educação, principalmente por se tratar de uma prática que influencia as demais disciplinas, uma vez que, quem não consegue ler, não consegue interpretar e conseqüentemente não consegue entender o conteúdo de quaisquer das demais matérias. A leitura é uma prática que faz parte da vida de todos, uma vez que permite aumentar a criatividade do ser humano, possibilitando a esse se tornar um cidadão ativo, capaz de refletir e agir.

Assim surgiu o interesse pelo tema: “As dificuldades da leitura no ensino médio”, haja visto que se trata de um assunto complexo que desperta a preocupação não só dos educadores, mas de todos os sujeitos envolvidos na sociedade, decorrente das exigências do mundo contemporâneo que são crescentes e estão relacionadas às diferentes dimensões da vida: trabalho, participação social e política, vida familiar e comunitária, as oportunidades de lazer, desenvolvimento cultural, entre outros.

Sobre este prisma, torna-se oportuna a discussão sobre as formas de lidar com os novos tempos e, portanto, emergir o discurso sobre a qualidade do ensino nas escolas relacionado às práticas de leitura, atentando para o nível de compreensão dos alunos e detectando os fatores que possam identificar as raízes do problema, de modo a fazer com que os alunos atendam às novas exigências educativas que a própria vida cotidiana impõe de maneira crescente no meio social.

O exercício da leitura, tal qual se encontra legitimado nas escolas, não vai além da mera decodificação de signos gráficos, os quais são permeados de fragmentos de textos, servindo como fonte de disseminação de uma ideologia que vai ao encontro dos interesses dos grupos detentores do poder, promovendo a massificação e formatação do conhecimento humano. Tal postura torna a leitura um ato tedioso, mecânico e, dessa forma, distante de uma concepção que concebe o ato de ler como fonte de prazer.

As fracas experiências com a leitura afastam o leitor do contexto social e cultural, fazem com que este desconheça o que é de mais profundo sobre questões que abordam fatos dos cotidianos ou mesmo importantes fontes de conhecimento, o que conseqüentemente o abstém de uma participação ativa e efetiva na sociedade na qual está inserido. Nesta perspectiva, o exercício da leitura transcende, e muito, a utilização apenas do livro didático que, muitas vezes apresenta a leitura e a compreensão como fatos estanques.

Assim, procurou-se debater o tema “a dificuldade da leitura no ensino médio”, enfocando a metodologia utilizada em sala de aula pelo professor, as dificuldades apresentadas pelos alunos do 2º ano do Ensino Médio no desenvolver dessa prática, numa fase da educação em que se espera que o educando seja não só capaz de ler, mas também de compreender o que foi lido e a partir disto se posicionar criticamente, demonstrando segurança e criticidade; além dos fatores condicionantes do desenvolvimento da leitura.

Para a realização da pesquisa, fez-se necessário uma discussão a respeito da *Leitura e construção dos sentidos*, tema do primeiro capítulo, em que se fez uma abordagem a respeito da visão histórica e social da leitura, bem como uma discussão sobre as diferentes concepções de leitura, a leitura na escola e o papel do professor, além de uma abordagem a respeito da construção dos sentidos no ato da leitura.

No segundo capítulo, intitulado *A formação de leitores e o letramento*, discute-se sobre a necessidade de desenvolver e estimular o ato da leitura e sobre o letramento e as práticas sociais de leitura, que dão ênfase à leitura como prática social que envolve o engajamento e a adoção de uma postura ativa por parte dos agentes envolvidos no processo de compreensão e construção dos sentidos dos diferentes textos que circulam na sociedade.

No terceiro capítulo intitulado *Metodologia*, especifica-se os sujeitos da pesquisa e os princípios metodológicos utilizados para se analisar e discutir o material coletado e assim chegar a uma resposta sobre o objeto de estudo definido como foco dessa pesquisa. No quarto capítulo, *Análise e compreensão do processo de leitura no 2ª ano do Ensino Médio*, faz-se a análise dos questionários aplicados na sala em estudo, buscando identificar por meio das respostas da professora e dos alunos as possíveis causas da dificuldade de leitura verificada ao longo das observações.

Por fim, no último capítulo, *Considerações finais*, faz-se uma retomada dos objetivos inicialmente traçados e dos resultados alcançados por meio da realização deste estudo, reforçando a importância da figura do professor nesse processo que, como interlocutor ativo, deve instigar e promover leituras que sejam adequadas à realidade dos alunos e aos conhecimentos que esses buscam por meio dessa prática, transformando a leitura em algo agradável, fonte não apenas de informação, mas principalmente de lazer.

Este estudo problematiza questões com as quais professores e alunos se confrontam no dia a dia no contexto da sala de aula envolvendo o processo de ensino- aprendizagem por meio do ato da leitura, baseando-se em autores como Freire (2002), Teodoro (2007), Martins (2012), Freitas (2015), entre outros. Espera-se que a discussão dessa temática venha a

contribuir para a ampliação do conhecimento sobre o assunto e que sirva de referência para outros estudos que tratem da temática da leitura.

1 A LEITURA E A CONSTRUÇÃO DOS SENTIDOS

A leitura constitui-se como uma das primeiras e mais prazerosas atividades vivenciadas no meio escolar, em que desde o primeiro contato com livros e diferentes leituras a criança é incitada a vivenciar novas experiências, relatar, questionar e obter novas informações acerca do mundo e das relações humanas. Entretanto, o incentivo à leitura pode e deve se dar muito antes do convívio escolar, nas relações e momentos de interação e ludicidade no contexto familiar. Os pais e as primeiras leituras por eles propostas servirão de base para que os filhos se identifiquem com a leitura, despertem o interesse por novas informações e a partir disso se tornem leitores assíduos.

Entretanto, essa atividade não é tão comum nos lares, nem mesmo em muitas escolas, sejam elas da rede pública ou privada, em que a leitura não passa de uma atividade enfadonha de identificação e transcrição de trechos de textos, ampliando ainda mais o abismo entre aqueles que tiveram o incentivo à prática da leitura desde os primeiros anos de vida e aqueles a quem foram negligenciados um primeiro contato prazeroso por desinformação ou descaso dos pais, ou ainda por desinteresse dos profissionais envolvidos na educação. O fato é que a nossa realidade escolar expõe um cenário aquém dos objetivos estabelecidos nos planos de excelência da educação, sendo os resultados alcançadas no IDEB e em inúmeras pesquisas realizadas no tocando a habilidades básicas, como leitura, escrita e interpretação, um reflexo de tamanho descaso com a educação.

Mediante essas observações, passa-se no tópico seguinte a discorrer a respeito da leitura e de sua visão histórica e social.

1.1 Leitura: visão histórica e social

Desde o início das civilizações, o homem tem passado por evoluções que proporcionam um desenvolvimento intelectual, social e cultural, que faz com que o ser humano se torne mais apto na convivência da vida em sociedade. As inscrições rupestres, as simbologias, os hieróglifos e as esculturas foram às primeiras manifestações da escrita do ser humano, materializando em imagens fatos do cotidiano, o olhar e o pensamento do homem que a oralidade não era capaz de preservar. Com o passar dos séculos, o conhecimento da leitura e da escrita se transformaram em necessidades básica da vida em sociedade, tão essenciais como a oralidade, proporcionando a evolução da comunicação entre os seres humanos.

Compreende-se o ato de ler como essencial, pois a própria sociedade de consumo faz muitos de seus apelos através da linguagem escrita e chega por vezes a transformar em consumo o ato de ler, os rituais da leitura e o acesso a ela. Assim, no contexto de um projeto de educação democrática vem à frente a habilidade de leitura, essencial para quem quer ou precisa interagir e fazer parte de um círculo de relações, de interações sociais, que a vida moderna nos proporciona em maior escala.

Com o desenvolvimento da linguagem, a força das mensagens humanas, principalmente na ação da leitura, aperfeiçoou-se a tal ponto de torna-se imprescindível à própria existência humana no convívio em sociedade. A busca pelo conhecimento tornou-se imperativa para novas conquistas e para o estabelecimento do homem como ser social, como centro de convergência de todos os outros interesses, levando-nos a constatar que quanto mais cedo o homem entra em contato com a leitura, mais cedo alcançará bons resultados, visto que mais cedo entrará em contato com uma diversidade de textos, de gêneros discursivos e tipologias textuais que lhe proporcionarão não só um melhor conhecimento da língua, mas também da especificidade de cada texto e da situação de uso adequada a cada um deles.

Segundo Kleiman (1996), a leitura é concebida como uma maneira de influência mútua, envolvendo texto, autor e leitor, porque esse processo caracteriza-se por relacionar um conjunto de fatores constituído por sistemáticas complexas na realização funcional para que haja uma concretização do ato da leitura. Diante desse contexto, compreende-se que a referida autora propõe que o desenvolvimento da leitura seja amplo, e alcance um patamar de ação construtiva, em que a interação entre esses agentes envolvidos no processo comunicativo possibilite a inter-relação de saberes e conhecimentos existentes no mundo que envolve autor, texto e leitor. No dizer de Linhares e Lopes (2003, p. 25).

a prática da leitura depende do espaço e do tempo, e revela que os homens mudam a sua maneira de ler conforme o meio e as circunstâncias sociais nos quais se inserem. Assim sendo, os leitores formados no ambiente escolar recebem um tipo de orientação de leitura conforme as direções dadas nessa instituição.

Dentro dessa linha de pensamento, a prática da leitura é imperiosa para a construção do saber, visto que é por meio dela que o aluno terá contato com o saber acumulado pela humanidade ao longo do tempo, bagagem esta essencial à comunicação, daí a importância da leitura e do seu incentivo nas instituições para que possa enriquecer não só a bagagem cultural, mas também social e intelectual do ser humano; levando-o, dessa forma, a raciocinar,

decodificar signos linguísticos, criar sentidos, e sobretudo, cultivar a liberdade e a criticidade por meio do hábito da leitura.

Na caminhada para a construção do conhecimento humano, a leitura apresenta-se como um fator condicionante para o desenvolvimento de saberes, então a busca para entender a origem da leitura, remete ao que ela significa, ao que ela representa em nossa sociedade, à constituição que essa pode proporcionar ao crescimento do ser humano, o que a torna pertinente. Assim, torna-se imprescindível procurar compreender a abrangência da palavra leitura nas várias concepções e o papel que ela exerce na compreensão dos sentidos.

1.2 Diferentes concepções de leitura

Entende-se que o ato da leitura é uma ação complexa, que deve estar pautada na interação e compreensão mútuas, condição necessária para que a interação se estabeleça e assim sejam atingidos os objetivos estabelecidos antes das demandas sociais e contextuais.

Com o intuito de definir o que é leitura, encontra-se, dentro dos diversos estudos publicados, opiniões variadas sobre sua definição e importância que possui o processo de formação de leitores; muitos são os educadores que buscam nessas definições as explicações para a dificuldade na leitura.

Segundo Paulo Freire (2002), a leitura entra na vida das crianças antes mesmo delas ingressarem na escola, já no seu convívio familiar, quando elas conseguem ter suas primeiras percepções da vida elas já fazem certas leituras. Ainda conforme o referido autor, “antes das leituras das palavras (referente à decodificação da palavra escrita), o ser humano já consegue fazer um tipo de leitura, que ele denomina de leitura do mundo (p.14). Diante do que foi apresentado por Freire, o ser humano começa a fazer leituras antes de adentrar no cenário escolar, ou seja, a primeira leitura que o homem realiza ocorre antes mesmo de ser alfabetizado. De acordo com o referido autor, “a leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que uma é posterior a outra leitura, e desta, não possa prescindir da continuidade da leitura daquela e a linguagem e realidade se prendem dinamicamente...” (FREIRE, 2002, p. 11).

Assim, chega-se à constatação que apesar das duas leituras estarem interligadas, a leitura do mundo, ao se realizar, proporciona o suporte para a leitura da palavra, onde ambas passam a se desenvolver no processo evolutivo que envolve o ser humano, pois as experiências vivenciadas servirão de suporte para os leitores em todas as suas atividades sociais, uma vez que serão ativadas e possibilitarão a compreensão e interação a partir do tema discutido. Assim, a leitura de mundo possibilita aos leitores (decodificadores) da palavra

conhecimento e maturidade para interagir e compreender o que está escrito ou em debate no ato de comunicação.

Muito próximo do proposto por Freire (2002), Teodoro (2007) afirma que todos os seres humanos já nascem com o potencial biopsíquico que os permite dar significados e sentidos aos objetos e aos diversos códigos verbais ou não verbais. E é de dentro de seu meio social que essa potencialidade é desenvolvida, conforme os estímulos recebidos. Tal fato se confirma quando ao observar algumas civilizações primitivas e analisar os registros escritos por elas deixados, a exemplo das inscrições rupestres, percebe-se que eles representaram a leitura do cotidiano, mesmo que estes não representem um tipo de escrita verbal.

Teodoro (2007, p. 27) define o que é ler a partir da vertente política e educacional, onde ele afirma que:

A leitura é um direito de todas as pessoas para que possam se comunicar dentro da sociedade letrada, e o estado é responsável por garantir o acesso aos cidadãos. A leitura é um instrumento de combate à alienação e à ignorância, porque forma leitores sabedores, conscientes, o que impede a formação de cidadão alheio às manobras das classes dominantes, e por mim, ela também é um instrumento de luta, pois pode ser usada contra a dominação, ou seja, uma pessoa letrada é capaz de contestar e enfrentar os regimes impostos pelo Estado.

Diante do apresentado por Teodoro (2007), a leitura caracteriza-se como um poderoso instrumento de luta contra a dominação e alienação, tendo visto que ela amplia horizontes por meio da comunicação, do saber, da criticidade, da reflexão e não menos importante, da consciência do real, do agora, e das necessidades de interagir nos vários seguimentos sociais.

Martins (2012) faz algumas afirmações na busca de compreender o funcionamento do ato de ler, ela dividiu em três níveis básicos de leitura: a leitura sensorial, a leitura emocional e a leitura racional.

Levando-se em consideração a leitura como processo dinâmico e ativo, os três níveis podem acontecer simultaneamente, ao passo que um dentre eles pode se destacar mais que o outro, variando de acordo com o leitor, conforme suas vivências e interesses.

Segundo a autora, a leitura emocional é mediatizada e materializada pelas experiências anteriores do leitor, pela sua vivência em sociedade, é uma leitura que pode deixar as pessoas alegres ou deprimidas, desperta a curiosidade, estimula a fantasia, provoca descobertas, lembranças. Ela refere-se à subjetividade, pois as impressões serão sempre particulares, na medida em que as impressões e marcas deixadas e suscitadas pela leitura serão sempre individuais.

Por sua vez, a leitura racional foi concebida e é mantida por uma elite de intelectuais, pensadores, críticos, que reservam para si o direito de ditar normas à leitura e à cultura como um todo. A leitura racional é intelectual porque é elaborada pela inteligência, essa leitura possui cunho reflexivo e dialético e é importante uma vez que o seu processo permite alargar os horizontes de expectativas do leitor, e principalmente, permite ampliar as possibilidades de leitura do texto e da própria realidade social na qual esta se realiza. A leitura racional tende a ser prospectiva, porque pensar criticamente determina o avanço do raciocínio, transformando o conhecimento existente em um ato social e cultural.

Por sua vez, na leitura sensorial, conforme posto pela autora, o livro é um objeto e, como tal, tem cor, forma, textura, volume, cheiro, som. Assim, os órgãos dos sentidos são considerados como referência do ato de ler. Essa leitura começa na infância e acompanha as pessoas ao longo dos anos. O jogo das imagens e das cores, dos sons e dos cheiros provoca o prazer a descoberta do que agrada e do que desagrade aos sentidos, logo as sensações suscitadas no ato leitura funcionarão ou não como estímulo para a continuidade da leitura.

Conforme Martins (2012), a interação entre os níveis de leitura não existe sozinha, existe uma tendência de que a leitura sensorial anteceda a emocional e a esta suceda a racional, como consequência natural do próprio amadurecimento de cada ser humano. É difícil alguém realizar uma leitura apenas sensorial, emocional ou racional, pois é natural ao ser humano inter-relacionar sensações, emoções e a própria razão, tanto para se expressar, quanto para compreender a si próprio e o mundo.

Portanto, no ato de ler, torna-se imprescindível a constância do exercício simultâneo dos três níveis no diálogo do leitor com o texto, conforme proposto pela autora citada. A mesma ressalta ainda que é preciso enfatizar que a leitura por prazer deve ser encarada como necessária à complexa escalada da leitura, que por sua vez exigirá do leitor em construção métodos dinâmicos de acordo com a prática de leitura que se propõe a realizar.

Após a verificação desses conceitos e explicações, amplia-se a então concepção limitada que se tem sobre leitura, percebendo que ela não está relacionada somente à decodificação de textos escritos, mas que é possível fazer outras formas de leitura, que independem estritamente do material linguístico e põem em destaque outras habilidades que não somente aquelas voltadas para a questão estritamente linguística.

1.3 Leitura na escola e o papel do professor

A leitura na escola tem sido fundamentalmente um objeto de ensino e não de aprendizagem. Para que possa se constituir também como objeto de aprendizagem é necessário que faça sentido para o aluno, isto é, a atividade de leitura deve responder aos seus objetivos de realização imediata. Como se trata de uma prática social complexa, se a escola deseja converter a sua prática de orientação em leitura em uma atividade social, que de fato é, deve preservar sua natureza, sem descaracterizá-la. Isso significa trabalhar a diversidade de textos e combinação entre eles.

É preciso superar algumas concepções sobre a aprendizagem inicial da leitura. A principal delas é a de que ler não é simplesmente decodificar, converter letras em sons, sendo a compreensão consequência natural dessa ação. Por conta desta concepção é que muitas escolas vêm produzindo grande quantidade de “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, mas com enorme dificuldade para compreender o que leem. Na verdade, há uma mera suposição de que a escola ensina a leitura, pois esta verdadeiramente se efetiva quando o leitor extrapola a parte mecânica, compreende o texto e se posiciona frente ao material lido.

Mas é possível ler na escola? Parece estranho essa pergunta, mas muitas escolas acham que a elas só cabe a responsabilidade de ensinar a ler e a escrever, fazer os alunos decodificarem as palavras e escrever com ortografia adequada, esquecendo-se de preparar seus alunos para que venham a ser verdadeiros leitores, amantes dos livros na busca de conhecimento, mas também de diversão, capazes de assumir uma atitude ativa diante do que foi lido, conforme destacam os PCNs de Língua Portuguesa,

Formar um leitor competente supõe formar alguém que compreenda o que lê; que possa aprender a ler também o que não está escrito, identificando elementos implícitos; que estabeleça relações entre o texto que lê e outros textos já lidos; que saiba que vários sentidos podem ser atribuídos a um texto; que consiga justificar e validar a sua leitura a partir da localização de elementos discursivos. (BRASIL, 1997, p. 54)

Nesse contexto, os professores exercem papel primordial, posto que cabe a eles definir as principais estratégias de ensino de modo a fazer da leitura um momento de aprendizagem e prazer. Assim, “é tarefa de todo professor, portanto, independentemente da área, ensinar, também, os procedimentos de que o aluno precisa dispor para acessar os conteúdos da disciplina que estuda”(BRASIL,1998, p. 32).

A escola precisa ir além da simples codificação e decodificação, não pode resumir sua função em apenas ensinar a ler e a escrever. Em muitos casos os alunos acabam criando aversão à leitura quando os professores utilizam o ato de ler somente como uma obrigação para fazer uma tarefa ou um trabalho vinculado a notas. Em um tratamento simplificado assim quem mais perde são os alunos, pois tal prática se converte em experiências negativas.

A leitura que perde o foco das práticas sociais tem como destino o desinteresse total. Desenvolvida de forma descontextualizada, a leitura deixa de fazer sentido para os alunos, distanciando-os ao invés de aproximá-los. É importante que a escola seja um ambiente propício à leitura, abrindo as portas para diferentes mundos possíveis, construindo um caminho em que todos possam percorrer para se tornarem cidadãos da cultura escrita.

Superar as dificuldades do desenvolver da leitura, no contexto da formação do leitor, não pode ser uma preocupação somente das séries iniciais, mas um desafio a ser superado pela instituição escolar em todos os seus níveis de ensino, uma vez que todas as séries precisam estar envolvidas em projetos que passem a instalar na escola um clima onde a ação que envolve a prática da leitura esteja condizente com as necessidades e limitações que possam barrar uma efetiva ação desse processo.

É difícil conceber uma escola onde o ato de ler não esteja presente, ou onde a prática de leitura esteja voltada apenas à decodificação, por isso mesmo é necessário o incentivo à leitura, tendo visto que é preciso estimulá-la na sala de aula para que os discentes sejam capazes de questionar, inferir, criticar, apresentar argumentos, enfim, tratar os textos como fonte de infinitas informações e oportunidade de dialogar e questionar o mundo a sua volta. De acordo com Silva (2015, p. 03):

Os PCNs propõem que o professor assuma o papel de mediador do conhecimento, tendo a função de mostrar ao aluno o papel que o "outro" assume numa relação dialógica. Cabe ao docente dinamizar a interação entre os estudantes, para que possa haver trocas de experiências e crescimento intelectual. A orientação desses documentos coaduna-se com as ideias de que o desenvolvimento do indivíduo se dá na interação com o outro.

Diante o exposto, conclui-se que o professor precisa estar capacitado e preparado para provocar em sala de aula, a partir de leituras diversificadas, discussões que conduzam os alunos ao estabelecimento de elos com outras realidades, permitindo assim a construção do sentido do que está sendo lido. Em consonância com o discurso de Stube (2010, p. 34), “a leitura na escola tem a função de desacomodar o aluno, desperta-lhe o senso crítico, romper

com a alienação (...) já que ler não é apenas decodificar signos gráficos é também saber atribuir significados”.

A “desacomodação” proposta por Stube (2010) passa pela escolha de livros condizentes com os interesses do leitor, pela incitação de uma atitude ativa frente ao lido e também pela realização de atividades diversas que explorem o que está além do texto. Além disso, faz-se necessário a exposição a vários tipos de leitura, o conhecimento do nível de desenvolvimento e contexto social do aluno com o qual trabalha, pois a falta de adequação entre a obra e o interesse do aluno prejudica a motivação do leitor, em muitos casos afastando-o da leitura simplesmente por esta não ser condizente com sua realidade social e intelectual.

Assim, na atual conjuntura social torna-se pertinente que os professores estejam comprometidos com a leitura, pois conforme ressalta Teodoro (2007, p. 49): “os professores precisam se situar na condição de leitores, pois, sem o testemunho vivo de convivência com o texto ao nível de docência, não existe como alimentar a leitura junto aos alunos”; ainda segundo o autor, sem o conhecimento crítico e um posicionamento frente ao que está sendo lido, o professor corre um sério risco de, indiretamente, colaborar para a reprodução das estruturas e dos valores vigentes. Desta forma, o educador precisa se envolver com a leitura, ser capaz de alimentar em si mesmo uma pedagogia de leitura, pois só assim conseguirá aguçar o gosto por livros em seus alunos. Além disso, ele é uma inspiração para os seus alunos. Como cobrar aos seus alunos que leiam se ele não é um exemplo para os mesmos?

É importante frisar também que a prática de leitura desenvolvida pela escola precisa ocorrer num espaço de maior liberdade possível, pois segundo Lajolo (2000, p. 108) “a escola só se torna livre quando se respeita, ao menos em momentos iniciais do aprendizado, o prazer ou a aversão de cada leitor em relação ao livro”. Ou seja, quando não se obriga toda uma classe à leitura de um mesmo livro, com a justificativa de que tal livro é apropriado para a faixa etária.

1.4 A construção dos sentidos no ato da leitura

Apesar dos benefícios apresentados acima no trabalho com a leitura de maneira lúdica e espontânea, muitas instituições desenvolvem essa prática por meio de atividades mecânicas, sem se preocupar com a compreensão e a construção dos sentidos. Se a leitura é desmotivada não conduz à aprendizagem, nem provoca interesse. É comum se ouvir queixas de professores que relatam que seus alunos não gostam de ler.

Essa realidade se deve a inúmeros aspectos que influenciam as dificuldades de leitura, promovendo um distanciamento do aluno frente a essa prática. Teodoro (1991) ressalta que para saber o processo da formação leitora é preciso enxergar claramente onde se localizam as causas reais do problema da leitura, pois nem sempre se localizam dentro das quatro paredes da escola. De acordo com Freitas (2015, p.02)

O aluno necessita de mediadores que venham, muito mais que impor dinâmicas centralizadoras do ensino e condutoras repressivas, contribuir para a prática de um ensino interativo, contextualizado e muito bem planejado. Assim, o professor-alfabetizador é aquele membro mais experiente, que de posse dos conhecimentos e conteúdos necessários, incentiva a compreensão destes e a produção de novos conhecimentos, contribuindo na formação de alunos capazes de gerar a construção dos saberes, a partir da sua reflexão ação-reflexão e a de seus pares.

Mediante o apresentado por Freitas (2015), compreende-se que alunos no processo de aprendizagem apresentam carências que requerem a adoção de estratégias adequadas às dificuldades apresentadas, mas do que incentivar é preciso saber como despertar o gosto pela leitura, fazer uso de metodologias que possibilitem ao educando reconhecer a importância dessa prática na sua vida em sociedade e para a comunicação como um todo. Esta mudança passa pela adoção de uma postura ativa e consciente dos professores que, reconhecendo as necessidades de seus alunos deseja mudá-la. Ainda segundo o autor:

A escola de hoje, ao contrário, caracteriza-se pela complexidade e pelo dinamismo. Não se trata mais de apenas transmitir conhecimentos, mas também de inculcar o senso de responsabilidade e despertar o espírito de participação nas crianças. O conteúdo do ensino é diversificado e os alunos de hoje têm liberdade para expressar suas inquietações e interesses. A relação pedagógica entre o professor e a criança fundamenta-se na flexibilidade e no respeito mútuo, ao mesmo tempo em que o mestre estimula a criatividade individual e o trabalho em equipe. (FREITAS, 2015, p.04)

Mediante essas observações, constata-se que a escola deve desempenhar um papel transformador, em que mais do que repassar conteúdos, tem o poder de moldar atitudes, desenvolver o respeito mútuo e promover a participação ativa de seus alunos na sociedade por meio de práticas flexíveis e inovadoras. Ela apresenta os caminhos pelos quais os alunos vão percorrer na busca do conhecimento, cultural e social, a ponto de promover a conscientização destes e assumir a responsabilidade de fornecer um ensino eficiente para capacitá-los na

conquista da participação cultural, independente das desigualdades sociais existentes no meio do alunado.

Em se tratando da leitura, deve haver uma relação mútua entre teoria e a prática. Neste sentido, ensinar a usar a biblioteca na escola é de fundamental importância, pois os alunos precisam de livros e de ambiente adequado para estudo, pesquisa e promoção de leitura. Com isso a leitura tem sido fundamentalmente um objeto de diálogo no ensino e não de aprendizagem.

Para que possa constituir também objeto de aprendizagem é necessário que faça sentido para o ser humano, posto que a atividade de ler deve responder aos seus objetivos de realização imediata, haja visto que o ato de ler na sua realização deve ser seguido da compreensão do enunciado nas suas formas. Como se trata de uma prática social complexa, a leitura exige o trabalho com diferentes gêneros textuais, situações comunicativas, sujeitos. Isso significa trabalhar a diversidade de textos e combinação entre eles. Silva (2015, p.63 *apud* LIMA, 2003) expõe que:

As condições de recepção, o canal utilizado, os códigos atualizados pelos receptores etc., poderão por si só operar transformações de sentido no seu conteúdo entendido da mensagem. A implementação das diretivas normativamente estabelecidas pode, portanto, e em teoria, assumir pelo menos três formas distintas: a reprodução total dos conteúdos normativos, a reprodução parcial, ou a não reprodução.

Assim, na contemporaneidade, as atividades de leitura vêm ganhando campo e grande repercussão, promovendo mudanças na metodologia de ensino no cenário educacional e suscitando discussões sobre posturas e técnicas mais adequadas aos diferentes níveis educacionais. Enfocando a leitura no Ensino Médio, aqui definido como objeto de estudo, os PCNs de Língua Portuguesa (1998, p.28) ressaltam que:

A lógica de uma proposta de ensino e de aprendizagem que busque promover letramentos múltiplos pressupõe conceber a leitura e a escrita como ferramentas de empoderamento e inclusão social. Some-se a isso que as práticas de linguagem a serem tomadas no espaço da escola não se restringem à palavra escrita nem se filiam apenas aos padrões socioculturais hegemônicos.

Nessa perspectiva tem-se o entendimento que o ato de ler não é simplesmente interpretar, transformar letras em sons, onde a compreensão desse ato seja uma consequência única dessa ação. Nesta etapa da educação básica, exige-se mais do que a simples decodificação, mas o uso consciente dos diferentes gêneros e tipos textuais conforme as

situações de uso, interlocutores envolvidos e contexto sociocultural, que passam pelo empoderamento da língua e pelo uso consciente da mesma, habilidades estas que só os alunos letrados possuem.

Em decorrência dessas limitações é que a instituição escolar vem produzindo uma grande quantidade de supostos “leitores” capazes de decodificar qualquer texto, no entanto, com uma extraordinária dificuldade de compreensão do que leem. Essa compreensão, por sua vez, passa pela construção de diferentes percursos na construção dos sentidos, partindo-se do princípio de que os textos não comportam um sentido único, tampouco as experiências e vivências dos alunos são as mesmas.

Ao interpretar todo e qualquer texto, os leitores mobilizam uma série de conhecimentos que são só seus, que dizem respeito a situações que vivenciaram ou experienciar por meio de leituras, fatos do cotidiano, valores repassados pelos pais, enfim, conhecimentos que fazem com que toda leitura(compreensão) seja única, conforme destacam os PCNs (1998, p. 25)

É por essa razão que não se pode dizer que o sentido de um texto já está dado pelos recursos linguísticos pelos quais esse texto é construído. Afinal, o sentido atribuído às formas simbólicas está relacionado aos usos que os grupos fazem dos sistemas nos quais elas se encontram; portanto é variável, assim como são distintos os grupos sociais.

Diante do exposto, chega-se à conclusão que o leitor por si só produz uma compreensão do significado do que é lido, perante o que é produzido e apresentado em todo e qualquer texto, haja vista que a leitura só se efetiva quando o este deixa de lado a leitura mecânica e passa a compreender o texto e a si posicionar frente ao material lido.

2 A FORMAÇÃO DE LEITORES E O LETRAMENTO

Como explicitado no capítulo anterior, a leitura é uma prática social que, para ser efetivada, depende de determinadas condições objetivas, presentes na sociedade como um todo. Ninguém é avesso à leitura por natureza; a pessoa pode ser levada a detestar a leitura devido a inúmeros fatores, entre eles: práticas desmotivadoras, acesso restrito aos acervos de leitura, entre outros. Para motivar a leitura, o professor ao apresentá-la para os seus alunos terá que ser o parceiro, o mediador, o articulador de muitas e diferentes experiências alcançadas por meio de textos.

A escola precisa adotar uma postura transformadora, apresentar os caminhos pelos quais os alunos vão percorrer na busca da aprendizagem e está consciente de seu papel, assumindo a responsabilidade de fornecer um ensino eficiente para capacitá-los na conquista do aprendizado, através do gosto pela leitura, independente das desigualdades sociais existentes no meio social no qual está inserido.

Contudo, a responsabilidade na formação de leitores não pode ser restrita somente à escola, a família tem que assumir sua parcela de compromisso, fornecendo, por exemplo, um ambiente rico em experiências com a leitura, como a introdução deste hábito em casa. Logo, se observa que os lares onde os pais têm o hábito de ler e existe acesso fácil de materiais de leitura contribuem positivamente para o desempenho dos alunos em leitura no início da alfabetização. Enquanto que os alunos provenientes de contextos familiares que não valorizam a leitura, tendem na escola, na maioria das vezes, a apresentar maior dificuldade de leitura e de escrita.

O que adianta saber ler, se o leitor não compreende, não interpreta e não reflete sobre o que está sendo lido? A conquista da escrita alfabética e da leitura não é garantia que o aluno passe a compreender o que lê e que produza textos escritos de boa qualidade; as redações de concursos, vestibulares, e mesmo escolares mostram isso.

Uma pessoa é capaz de entender o que está sendo lido mesmo sem possuir o conhecimento linguístico necessário à decodificação do texto escrito, ou seja, mesmo sem saber ler; isso ocorre quando ela já possui informações prévias sobre o assunto relatado. O contrário também pode ocorrer, às vezes quando um leitor domina perfeitamente a linguagem escrita, mas por falta de familiaridade com o tema sobre a leitura não consegue compreendê-lo. O letramento anda, portanto, lado a lado com a prática de leitura, pois de nada adianta ler (decodificar), se o leitor não é capaz de relacionar, opinar, criticar, compreender e interagir a partir do texto lido.

Nesse aspecto, a melhor forma de ler será a junção dos dois tipos de leitura, a leitura do mundo e da palavra, criando uma interação entre o que o leitor já conhece sobre o assunto, entre as suas percepções de mundo anteriores à leitura e o que está escrito pelo autor do texto lido; assim, quem lê está em contato com quem escreveu o texto, com as ideias de uma ou de várias pessoas às quais recorre para conferir o que conhece sobre o assunto, para criticar ou concordar com o autor. Portanto, a leitura é mais interessante quando interage com o leitor, quando faz sentido e traz conceitos que se articulam com as informações que já tem.

De acordo com Pérez e Garcia (2001), “o leitor pode assumir duas posições ao ler, pode ser o sujeito ou o objeto da leitura, isso vai depender da posição que ele vai tomar, se é a de crítico ou acrílico”. Um leitor competente deve interagir com o texto, a leitura deve levá-lo a ser crítico e reflexivo, tornando-se um instrumento de transformação do conhecimento, sendo capaz de conduzir o ser humano à realização de sua liberdade.

Um bom leitor tem grandes chances de escrever bem, pois quem lê muito acaba adquirindo um maior vocabulário, sendo fonte rica para a criação de novos textos, e é nesse contexto que o professor, que exerce papel primordial, e a família, devem agir conjuntamente no apoio e incentivo à prática de leitura diversificadas, contribuindo para a formação de leitores.

2.1 O desenvolver e o ato de estimular a leitura

É relevante lembrar que o trabalho com a leitura deve ter como uma das finalidades a formação de leitores competentes e, conseqüentemente, a formação de autores, pois a possibilidade de produzir textos eficazes tem sua origem na prática de leitura.

A leitura por um lado fornece a matéria prima para a escrita, contribui para a constituição de modelos de como escrever, por isso é imprescindível compreender que a leitura é um processo no qual o leitor realiza um trabalho ativo de construção do significado do texto, a partir de seus objetivos, do seu conhecimento sobre o assunto, sobre o autor, de tudo o que sabe sobre a língua e de suas vivências e do conhecimento global. Não se trata simplesmente de extrair informações da escrita, decodificando letra por letra, palavra por palavra.

Em se tratando da leitura, deve haver uma relação mútua entre teoria e a prática. Neste sentido, ensinar a usar a biblioteca na escola é de fundamental importância, pois os alunos precisam de livros e ambientes adequados para estudo, pesquisa e promoção de leitura. Os professores devem se mobilizar no sentido de proporcionar melhores condições de leitura a

seus alunos. Segundo Teodoro (1991, p. 112), a biblioteca “deve se colocar como cérebro da escola, ou seja, o local onde partem os movimentos básicos em direção a recriação ou criação do conhecimento, servindo a professores, alunos e comunidade”.

Os professores devem também criar momentos que estimulem a leitura por prazer, nos quais os discentes não precisem fazer resumos e fichas após a leitura, vinculando-as a notas. Os textos lidos deverão compreender os textos literários, poesias, contos, narração, lendas, entre outros, textos diversificados, que possibilitem aos leitores o contato com diferentes gêneros, temas, estruturas textuais e experiências. A leitura será tipicamente para diversão e experimentar sentimentos e emoções especiais. A fantasia e a imaginação serão os elementos motivadores desses momentos.

Nesta perspectiva, Soares (2002, p. 29) discrimina que “para a formação de leitores, é necessário que o professor se apresente como leitor atualizado e participante, apaixonado pela leitura, pois ela se baseia no desejo, oferecendo uma oportunidade para amar”.

Neste contexto da leitura e da formação de um leitor, chegamos a constatação que os seres humanos leem de várias formas: com o intelecto, com seus corpos e com suas emoções, mantendo uma interligação do texto com o leitor. É importante que os alunos vejam seu professor envolvido com a leitura e com o que se conquista através dela. Um professor seduzido pela leitura pode despertar o desejo de fazer o mesmo, é preciso mostrar a importância desta prática no desenvolvimento intelectual, crítico e criativo do educando.

2.2 O Letramento e as práticas sociais de leitura

Na esfera do desenvolver educacional que envolve a alfabetização, a aquisição da leitura e escrita, têm aparecido temáticas como a do letramento pautada e correlacionada às práticas sociais do sujeito nas esferas orais e escritas que cruzam e possibilitem o desenvolver dos sujeitos na trajetória do letramento nos seus espaços de ação (MARTINS & SPECHELA, 2012).

Um aluno é capaz de compreender o que está sendo lido mediante ser dono dos recursos de decodificação pertinentes e necessários à leitura, ou seja, isso ocorre quando o sujeito/aluno possui informações prévias sobre o assunto trabalhado, ou quando o aluno/leitor domina a linguagem escrita e tem familiaridade com o tema acerca da leitura. Tais argumentos mostram que as atividades que envolvem a leitura e a escrita são incluídas no pressuposto da formação do aluno/leitor e cidadão crítico utilizando-se tanto da alfabetização como também do letramento. Segundo Soares (2004, p.06).

Nos países desenvolvidos, ou do Primeiro Mundo, as práticas sociais de leitura e de escrita assumem a natureza de problema relevante no contexto da constatação de que a população, embora alfabetizada, não dominava as habilidades de leitura e de escrita necessárias para uma participação efetiva e competente nas práticas sociais e profissionais que envolvem a língua escrita.

Mediante o exposto a cima, ser alfabetizado não necessariamente significa ser letrado, compreender diferentes tipos e gêneros textuais, fazer uso competente da linguagem; esse fato leva o ser humano a uma prática de leitura que pouco ou nada contribui para uma participação ativa no complexo social no qual está inserido. A esse respeito Soares (2004, p.08) destaca que

no Brasil a discussão do letramento surge sempre enraizada no conceito de alfabetização, o que tem levado, apesar da diferenciação sempre proposta na produção acadêmica, a uma inadequada e inconveniente fusão dos dois processos, com prevalência do conceito de letramento.

Partindo desse princípio, seria um erro desvincular a alfabetização do letramento. Como exposto, um processo não necessariamente pressupõe o outro, visto que é comum observar no contexto escolar alunos que sabem ler, mas não conseguem compreender o que foi lido, nem fazer uso social das informações com as quais tiveram contato. O processo inverso também é possível, como discorrido logo acima, em que um analfabeto pode compreender perfeitamente o que é lido ou dito, apesar de não ter conhecimento linguístico.

Entretanto, o que se espera é que a alfabetização e o letramento aconteçam conjuntamente, de modo que a criança ao adentrar no mundo escolar tenha acesso não só ao conhecimento da língua, mas que este seja feito conjuntamente com a reflexão e uso consciente dela, desenvolvendo habilidades de uso da língua oral e escrita a partir de atividade de leitura, produção e reescrita da língua, que contribuirão para o aperfeiçoamento do código linguístico e para o uso consciente da língua.

Martins & Spechela (2012) destacam que o adquirir do saber linguístico amplia os conhecimentos que possibilita o desenvolver do entendimento da leitura na ação do letramento no contexto real que envolve os sentidos e os significados compostos durante o processo da leitura. Tal fato permite por meio da leitura alterar, empreender, descobrir, usufruir e desfrutar da realidade. Com isso, os saberes e conhecimentos adquiridos por meio da leitura arquitetam e edificam o desenvolvimento intelectual e social nas distintas áreas do estudo, fato este que vem a distinguir e a individualizar as sociedades letradas.

Soares (1998), defende que os conceitos de letramento e alfabetização se misturam, combinam e se compõem, tais processos se ligam, no entanto possuem particularidades

específicas, ressaltando ainda que pode também haver distorções de entendimento. Deve-se ter claro que alfabetizar é instruir o desenvolvimento do código alfabético, enquanto o letrar envolve compreender, perceber significados por meio da leitura, por meio da utilização da leitura e da escrita nos vários aspectos sociais. Assim, a referida autora define letramento como consequência da ação de ensinar, decorrente do aprender a ler e escrever reflexivo, crítico e com compreensão dos significados.

Dessa maneira, para que um sujeito seja considerado letrado é necessário estar aberto às várias leituras existentes no mundo, sendo pertinente conhecer a estrutura, o articular e o organizar da forma da linguagem oral e escrita, uma vez que esta exige diferentes estratégias de organização, contextos, conteúdos e propósitos comunicativos.

3 METODOLOGIA

No intuito de entender como os professores desenvolvem o ensino da leitura e como é a relação dos alunos do Ensino Médio de uma dada escola no município de Picos – PI com essa prática, o presente trabalho terá como objeto de análise um questionário aplicado aos alunos e outro questionário aplicado ao professor, em que, a partir de uma análise qualitativa, busca-se identificar as causas das dificuldades da leitura e os métodos que contribuem para isso.

O estudo foi construído mediante a realização de uma pesquisa bibliográfica e de campo, de natureza explicativa, visto que se propõe criar o entendimento de como se desenvolve o problema em foco. Este, por sua vez, contou para obtenção das informações, com a produção de dados baseadas em fontes primárias (orais e escritas), obtidas por meio da observação das aulas, e fontes secundárias (livros e artigos).

Trabalhou-se com a pesquisa bibliográfica uma vez que essa caracteriza-se por disponibilizar informações acerca de estudos já realizados sobre o tema, consistindo no exame desse manancial, para apreensão e análise de todo o conhecimento que já produziu sobre o assunto que assumimos como objeto de pesquisa científica. (RUIZ, 2007).

É uma pesquisa de natureza qualitativa em que se procura analisar os fatores que influenciam na dificuldade de leitura dos alunos do 2º ano do Ensino Médio, visto que se espera que ao chegar a essa etapa, o aluno já tenha desenvolvido esta habilidade, sabendo se posicionar ativamente, como ser letrado, diante de diferentes situações de comunicação. Este fator foi determinante para a realização desta pesquisa, pois a grande dificuldade manifestada por este público alvo despertou o interesse em buscar as causas deste problema.

De acordo com Minayo (2003), a pesquisa de abordagem qualitativa corresponde a um aprofundamento no mundo dos significados, motivos, crenças, valores das ações e relações humanas relativas a um aspecto não perceptível e não captáveis em equações, médias e estatísticas, que busca, portanto, compreender as causas de um problema a partir da análise qualitativa do material que o pesquisador tem a sua disposição.

No olhar de Pádua (1996, p. 29), tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxilie na compreensão desta realidade e nos oriente em nossas ações.

A pesquisa de campo foi realizada na Escola Normal Oficial de Picos (ENOP), localizada na Rua São Sebastião, nº 49, bairro – Centro, Picos – PI. A escola possui a modalidade de ensino presencial e uma estrutura física considerável, composta por diretoria, sala de professores, laboratório de informática, laboratório de ciências, secretaria, almoxarifado, auditório, doze salas de aulas, biblioteca, cozinha, oitobanheiros, um pátio de recreação e uma quadra de esporte, que de certa forma atende aos requisitos mínimos para que o ensino se dê de forma satisfatória.

Para realização desta pesquisa, tem-se como foco o professor de língua Portuguesa do 2º ano do ensino médio, além de quinze alunos da referida série que contribuíram por meio do preenchimento de um questionário. Como já explicitado, os instrumentos utilizados para a obtenção dos dados foram questionários de pesquisas e observação, em que a partir do questionamento sugeriram as informações que serão analisadas.

A instituição em estudo diz se adequar e associar todos os seguimentos humanos no processo educacional requerendo possibilidades para o adequado relacionamento entre docente e discente, na busca de promover uma educação escolar efetiva discutindo os problemas e as dificuldades a serem solucionadas.

No que tange à formação acadêmica da docente que ministra as aulas de Língua Portuguesa (leitura) na série pesquisada, essa informou que possui Graduação e Mestrado em Licenciatura Plena em Letras com especialização em Língua Portuguesa, Gestão Educacional, Libras, Português e Inglês, Educação Infantil, Educação Global e Inteligências Múltiplas, com uma carga horária de 20 horas/aulas semanais.

Assim, tendo definido os sujeitos desta pesquisa, acreditando ter disposto as informações mais relevantes e que contribuirão para a análise dos dados, passa-se no tópico que segue a analisar as informações coletas por meio dos questionários, correlacionando-as às habilidades necessárias ao trabalho do professor e do desempenho do aluno nessa série.

4 ANÁLISE E COMPREENSÃO DO PROCESSO DE LEITURA NO 2º ANO DO ENSINO MÉDIO

Passa-se aqui a analisar o questionário aplicado à professora da turma em estudo, composto de nove questões, no qual visa compreender como a metodologia aplicada pela professora influencia no despertar do interesse dos alunos pela leitura. No questionamento a docente foi indagada como trabalha a leitura com seus alunos, respondendo que “Incentivando a ler as variadas formas de leituras, como romance, poemas, charges, jornais e leituras individuais na forma de jogos desenvolvidos nas salas de aula”, afirmação esta comprovada durante as observações realizadas na sala de aula.

No que se refere ao papel do professor no trabalho com o texto, quando indagada sobre a função que este profissional desempenha nesse processo de identificação ou rejeição com o hábito da leitura, o sujeito da pesquisa informa que busca desenvolver as habilidades intelectuais e emocionais dos alunos, proporcionando por meios de estágios metodológicos, aprimorar capacidades de raciocínio lógico e reflexivo, por meio do contato com textos e leituras de livros literários.

Para o professor de Língua Portuguesa, a leitura é de suma importância, pois permite compreender não só as informações apresentadas ao longo dos textos, mas principalmente questionar a realidade na qual está inserido, apresentando um posicionamento crítico e reflexivo, agindo ativamente sobre o texto. O que se observa na prática é que os alunos aqui em estudo apresentam uma grande limitação, pois mal conseguem localizar informações na superfície do texto, ficando condicionados à realização da leitura como um ato mecânico, onde não há envolvimento, troca, interação, enfim, apenas decodificação e localização de informações.

Ao ser questionada a respeito do grau de dificuldade dos seus alunos com relação à leitura, o docente respondeu que, são bastante elevadas como na maioria das escolas brasileiras, que convivem com essa triste realidade, uma vez que grande parte dos alunos preferem navegar na internet a praticar outras leituras. Esses dados revelam uma realidade da sociedade atual, em que praticamente todos os alunos têm acesso à internet, seja em casa ou na escola, por meio de computadores ou smartphones, independente da classe social, permitindo-lhes ter acesso a uma infinidade de textos com os mais diversificados temas, apresentados de maneira atraente e dinâmico, concorrendo assim com uma leitura muitas vezes desmotivadora, monótona e sem graça, fator este que distancia os discentes da leitura

realizada na sala de aula e faz das aulas de Língua Portuguesa uma aula cansativa, sem graça e muitas vezes voltada apenas para o ensino da estrutura da língua.

Ao ser indagada a respeito da metodologia utilizada para superar as dificuldades de leitura apresentadas pelos seus alunos, a professora entrevistada informou que costumeiramente trabalha mais a gramática e a teoria dos aspectos conceituais da literatura e da redação do que propriamente a leitura crítica ou mesmo espontânea, envolvendo-se mais com os conteúdos gramaticais e menos com as atividades de leituras, muitas vezes restrita ao texto em verso. A utilização do texto apenas como pretexto para o ensino gramatical é uma prática muito criticada, mas que ainda hoje norteia o ensino de língua portuguesa. Nesse caso, o que se observa é a preocupação com a reprodução de estruturas e de princípios linguísticos que são necessários, mas não menos importantes do que a leitura no ensino da Língua Portuguesa.

No que se refere à utilização da biblioteca para a leitura por parte dos alunos, ao ser indagada sobre a sua utilização, a docente deu a seguinte resposta: “basicamente [utilizam] quando são solicitados a lerem ou quando vão pesquisar assuntos para as realizações das atividades escolares”. Vê-se a partir desses dados que a biblioteca é utilizada esporadicamente e quando esta é feita muitas vezes se dá com objetivos pré-definidos, sem possibilitar aos alunos a realização de uma leitura espontânea, conforme os interesses individuais.

Uma resposta que chamou bastante atenção, foi quando ao ser perguntada se seus alunos realmente sabem ler, se conseguem construir sentidos a partir da leitura, a docente disse que “não, infelizmente nossos alunos, em grande parte, não possui contato direto com práticas de leitura”. Com relação ao trabalho de leitura no contexto da realidade de mundo dos educandos, o sujeito da pesquisa deu a informação que tenta relacionar os textos com o contexto em que estão inseridos social e politicamente, de modo a desenvolver a percepção crítica e reflexiva da realidade em que vivem. Entretanto, o que se observa é que esta postura não tem sido suficiente por se só, pois ainda é motivo de descaso por parte dos alunos e não tem motivado a participação dos mesmos na leitura.

Percebe-se que o docente pesquisado procura trabalhar dentro de uma realidade onde existe uma limitação de interesses, apesar de procurar seguir uma metodologia dentro dos padrões determinados pela instituição pesquisada, mas que ainda esbarra em problemas que para ele ainda não estão claros, problemas estes que provavelmente passe pela escolha e pela forma de trabalho com o texto.

Os dados coletados sobre a formação da professora mostram que a qualificação por se só não é suficiente para assegurar uma prática efetiva e condizente com os princípios

norteadores da educação, de modo especial do ensino de Língua Portuguesa, pois envolve uma tomada de consciência do professor, um engajamento, e mais, uma conscientização de que estes princípios são fundamentais para o desenvolvimento da educação. Entretanto, há de se levar em consideração que a dificuldade de leitura é um reflexo de toda uma educação, de todo um ciclo de estudos, em que essas habilidades foram negligenciadas ou deixadas para segundo plano, posto que hoje o que se observa em muitas escolas da rede estadual e municipal é que há uma preocupação muito grande com os índices de aprovação, mas não com a qualidade do ensino.

O foco principal no desenvolver da leitura é a atualização dos saberes, o enriquecer do conhecimento, e essa atualização tem como objetivo criar condições que levem à reflexão da prática de leitura na construção do saber, afim de que o aluno consiga dimensionar quais capacidades e conhecimento ele precisa na construção do seu próprio aprendizado e do próprio universo de leitura e de experiências.

O grande desafio do professor é voltar o seu olhar para sua própria prática pedagógica, como profissional reflexivo e dinâmico, que o leve à reflexão dos erros e acertos na sua própria prática como mediador do ensino- aprendizado do aluno e que a partir destes proponha mudanças na sua prática.

No que tange aos alunos indagados por meio de um questionário, obteve-se respostas negativas, quando não, ausência de respostas, conforme aconteceu na primeira questão, em que os sujeitos foram questionados se gostavam de ler, sendo que dos quinze educandos que participaram da pesquisa, apenas oito responderam que sim, um às vezes e seis disseram não gostar.

Quanto ao tipo de leitura, os alunos foram questionados qual prefeririam, obtendo-se uma diversidade grande de gêneros textuais citados, entre eles os clássicos, os livros de suspense, romance, revistas em quadrinho, autoajuda, gibi, fictícios, entre outros. A identificação com diferentes gêneros possibilita ao professor trabalhar em sala de aula com distintos tipos de textos, em que, sem priorizar apenas um deles, pode possibilitar aos seus alunos não só conhecer os gêneros que circulam na sociedade, como também identificar a forma de organização de cada um, o contexto de uso, a funcionalidade e assim despertar o interesse por uma diversidade de texto, que apenas aqueles voltados para o trabalho literário.

Um outro questionamento foi sobre a última leitura feita, se recordavam o título do livro. Mais uma vez, sendo surpreendidos pela diversidade de título livros, a saber:

Aluno B: *A última pedra*;

Aluno C: *Turma da Monica, Batman, Liga da Justiça*;

Aluno G: *50 tons, mas é amora;*

Aluno I: *A megera domada, de William Shakespeare;*

Aluno J: *Não se iluda não, Isabela Freitas;*

Aluno L: *Diário de um Isonona;*

Aluno N: *O Cortiço, de Luis Azevedo.*

A diversidade de leituras mostra que o problema de não gostar de ler ou de não compreender o que foi lido pode ser um reflexo de práticas de ensino tradicionais, que priorizaram a decodificação, mas que deixaram de lado o letramento, a compreensão, o gosto de cada um dos alunos, mas que apesar de todos esses problema observados também se pode dizer que o interesse em ler ainda está vivo, na medida em que mesmo não sendo instigados a ler os alunos leem textos diversos conforme seus interesses particulares.

Ao serem interrogados sobre a compreensão, se de fato esta ocorre no ato da leitura, oito alunos responderam que sim, quatro disseram que as vezes e três que não conseguem compreender, revelando que quase a metade dos alunos tem dificuldade de compreender os textos que leem, o que é um dado muito expressivo, levando em consideração que ao estarem cursando o 2º ano do Ensino Médio esta dificuldade já deveria há muito ter sido superada.

No próximo questionamento foi interrogado de que forma o professor trabalha a leitura na sala de aula. Alguns alunos chegaram a questionar a metodologia utilizada, destacando que a mesma não incentiva a leitura e que deveria melhorar um pouco mais, sendo essa uma condição posta por eles para melhorar a compreensão, conforme se pode observar em algumas das respostas transcritas logo abaixo:

Aluno C: *Bota os alunos para ler parágrafo.*

Aluno H: *Nem tanto suficiente pois precisava de um método que incentivasse mais.*

Aluno I: *Acho mínima, poderia melhorar em muitos aspectos, para dar mais entendimento ao aluno.*

Aluno M: *Não, ela precisa dar força mais da leitura dos alunos.*

Em seguida, os alunos foram interrogados se acreditavam que a forma como a leitura é trabalhada em sala de aula é suficiente para despertar o interesse dos mesmos. A grande maioria respondeu afirmativamente, oito deles, três responderam que não, um Às vezes e três não souberam responder. Quanto aos que responderam negativamente, estes argumentaram que a professora muitas vezes colocava-os para ler parágrafos do texto, por meio de uma leitura fragmentada e da alternância dos leitores durante a leitura do texto.

Por fim, perguntou-se como a leitura é cobrada em âmbito escolar, sendo que seis alunos relataram que é cobrada de maneira rigorosa, em todas as aulas, enquanto quatro

responderam que essa prática não é cobrada, dois disseram que as vezes e dois não souberam responder. A partir desses relatos, observa-se que os alunos relacionam a leitura ao ato de oralização e decodificação, como uma prática em que se objetiva principalmente fazer dos alunos leitores fluentes, não relacionando, do ponto de vista destes, a leitura à compreensão e reflexão.

A oralização da escrita é por vezes uma preocupação das séries iniciais de alfabetização, em que aluno ainda está em processo de aprendizagem do código linguístico e muitas vezes tem dificuldade de relacionar a letra ao som. Andando na contramão do que se espera dos alunos do Ensino Médio, estes alunos aqui retratados por meio dos questionamento e repostas expressas revelam que estão bem aquém das habilidades esperadas para esse público, sendo as práticas do professor, possivelmente uma maneira de solucionar ou diminuir essas dificuldades e possibilita-los futuramente uma maior autonomia crítica e reflexiva no ato da leitura.

Dentro do contexto educacional atual a leitura é a grande saída para melhoria na qualidade do ensino, por isso a essa prática deve ser dada máxima importância nas séries iniciais, posto que dela dependerá todo o desenvolvimento dos alunos durante a vida escolar. Mais do que isso, deve-se trabalhar paralelamente à busca de conhecimento, a compreensão, a criticidade, a reflexão, de modo que esta seja não só uma atividade de decodificação, mas uma forma de compreender a sociedade e agir ativamente sobre ela. Assim, os professores devem buscar a todo momento adequar suas metodologias a essa realidade e fazer uso de estratégias que sejam facilitadoras do ensino aprendido do aluno, o que passa pelo aperfeiçoamento pedagógico por meio de cursos de formação contínua e a adoção de práticas de leitura mais dinâmicas e adequadas à realidade atual.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura é uma ação que ao ser realizada suscita significados e a compreensão da realidade em que o ser humano vive. Esta é inicialmente desenvolvida nas instituições educacionais, todavia não está presa a esse ambiente, pois antes mesmo de aprender a ler, a criança já age sobre o mundo e é influenciado por ele, a partir da leitura de mundo e da participação dos pais na sua educação por meio do repasse de ensinamentos, valores, traços culturais, que são acessados a partir de uma leitura que não presume o conhecimento linguístico da criança nos moldes escolares, mas antes uma compreensão do mundo por meio da linguagem.

Assim, abordar esse tema tornou-se essencial, uma vez que concebe a ampliação do conhecimento sobre a importância da leitura condição necessária para a formação de leitores críticos e reflexivos. A partir da reconstrução do ambiente da sala de aula, e das atividades de leitura nela desenvolvida, buscou-se identificar a origem das dificuldades de leitura apresentadas pelos alunos do 2º ano da ENOP, visto que, por se tratar de um nível bem elevado da educação básica, espera-se que esses e outras dificuldades já tenham sido superadas.

O que a observação das atividades desenvolvidas nessa turma e a aplicação de um questionário aos alunos e ao professor de Língua Portuguesa revelam é totalmente avesso a essas expectativas. Os alunos apresentam dificuldade não só em oralizar a escrita, mas também em compreender, inferir, refletir e questionar sobre os textos lidos, apresentando uma atitude mecânica frente ao texto e à prática de leitura.

Essa dificuldade provém de inúmeros fatores, entre eles a falta de incentivo à leitura, o tipo de atividade que geralmente é aplicado sobre o texto, a falta de liberdade para fazer a escolha de livros conforme o interesse e gosto do aluno, a falta de tempo para o trabalho com a compreensão que extrapole a decodificação e localização de informações, o tipo de texto que é levado para discussão em sala de aula, a aproximação da temática destes com a realidade dos alunos, entre outros fatores que fazem com que a leitura seja algo desinteressante e sem funcionalidade alguma.

O que se pode perceber, é que o processo de formação de alunos leitores não constitui uma atividade fácil, é preciso unir esforços para desenvolver um ensino produtivo no processo da formação desses alunos, de modo a instiga-los a participar ativamente por meio do envolvimento, do reconhecimento de fatos do cotidiano, sendo esses fatores essenciais para que essa prática não seja um ato mecânico e sem graça.

Nesse processo, o professor exerce função fundamental. Ele será muitas vezes o introdutor dessa prática para muitos alunos, que sem qualquer apoio ou participação dos pais nos anos iniciais de sua vida, terão na figura do professor um modelo de profissional e de cidadão capaz de descortinar o mundo por meio da linguagem, das vivências de situações e experiência única que só a leitura será capaz de proporcionar. Para tanto, cabe ao professor não só fazer uso de uma metodologia adequada, de textos atrativos e relevantes, mas também conhecer as dificuldades e vivências de cada aluno, para que sua prática seja orientada segundo essas especificidades.

A reflexão é inerente a uma completa e plena formação de alunos leitores, levou a buscar e compreender a postura dos educadores da Escola Normal Oficial de Picos no processo de desenvolver alunos leitores, para tanto, identificar os aspectos que legitima a leitura na visão da direção, dos professores, dos alunos e dos familiares dos alunos.

Com base nas considerações acima, pode-se afirmar que por mais que a docente da sala em estudo tenha procurado despertar o interesse de seus alunos pela leitura e superar as dificuldades apresentadas por estes ao realizar tal prática, muito se tem a melhorar na escolha de uma metodologia adequada às dificuldades observadas e também muito se tem a fazer para tentar reverter essa “repulsa” e limitação manifestada por este público alvo, para que se desenvolva não só a criticidade e o gosto pela leitura, mas também a competência dos alunos frente ao texto.

Baseada nesse contexto presume-se que o procedimento utilizado para a formação de alunos leitores tem na sua metodologia um elemento imprescindível para o desenvolvimento desta habilidade de modo significativo. Assim, não se deve jamais pensar a leitura como uma prática educacional, imutável, definitiva e sobretudo descontextualizada da realidade do aluno.

REFERÊNCIAS

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: língua portuguesa**. 7 ed. Brasília: MEC/ SEF, 1997.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**. 39. ed. São Paulo: Cortez, 2002.
- GARCIA, Jesus Nemásio. **Manual de dificuldades de aprendizagem: linguagem, leitura, escrita e matemática**. Porto Alegre: Artes média. 2001.
- KLEIMAN, Ângela. **Leitura: ensino e pesquisa**. 2ª ed. Campinas, São Paulo: Pontes, 1996.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 3ª ed. São Paulo. Ática, 2000. (Educação em Ação).
- LOPES, Elisa Cristina. **Por onde caminha a literatura no ensino médio**. São Paulo: FEUSP, 2003. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 19. ed. São Paulo: Brasiliense, 2012.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa. **Metodologia Científica, Pesquisa Social**. Ed13ª, São Paulo, Artica. 2003.
- PADUA Elisabete Matallo Marchesini de, **Metodologia da Pesquisa: Abordagem Teórico-prática**. Campinas, SP: Papyrus, 1996.
- RUIZ. M. B. **Método e Técnica de Pesquisa**. 4 ed, São Paulo: Atlas, 2007.
- STÜBE. Ângela. **Leitura e escrita competência de todas as áreas: o professor como leitor e formador de leitores**, SINOPSE. São Paulo. 2010.
- SOARES, Magda. **Linguagem e escola**. Uma perspectiva social. 15 ed. São Paulo: Ática, 2002.
- SILVA, Ezequiel Theodoro da. **Leitura na escola e na Biblioteca**. 5ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2007.
- SILVA, Maurício da. **Repensando a leitura na escola: um outro mosaico**. 3.ed. – Niterói: EdUFF, 2015.

APÊNDICES

APENDICE A: QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AO PROFESSOR(A)

QUESTIONÁRIO

PROFESSOR (A):

- 1- Qual a sua graduação?
- 2- Como trabalha a leitura com seus alunos?
- 3- Qual papel do professor no trabalho da leitura com o texto?
- 4- Dentro de sua sala de aula, qual o grau de dificuldade dos seus alunos?
- 5- Que metodologia você trabalha para superar as dificuldades de leitura dos seus alunos?
- 6- Os alunos utilizam a biblioteca para leitura?
- 7- Você acha que seus alunos sabem realmente ler. E se eles conseguem a construção dos sentidos?
- 8- Você trabalha a leitura dentro da realidade de mundo?
- 9- Quais as estratégias para desenvolver a leitura?

APÊNDICE B: QUESTIONÁRIO DIRECIONADO AO ALUNO(A)

QUESTIONÁRIO

ALUNO:

- 1- Você gosta de ler?
- 2- Que tipo de leitura você prefere?
- 3- Você lembra qual o último livro que leu?
- 4- Você consegue compreender tudo que ler?
- 5- De que forma o professor trabalha a leitura na sala de aula? Você acha que a forma como a leitura é trabalhada é suficiente?
- 6- O professor leva em consideração o conhecimento do aluno ao propor uma discussão sobre o texto?
- 7- Como é cobrada a leitura no âmbito escolar?



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
- () Dissertação
- (X) Monografia
- () Artigo

Eu, **ERIKA RAVENNA DA SILVA PIRES**, autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar, gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação **DIFICULDADES DE LEITURA NO ENSINO MÉDIO: UM ESTUDO DE CASO EM UMA TURMA DE 2º ANO DA ESCOLA NORMAL OFICIAL DE PICOS- ENOP**, de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI 16 de Maio de 2018.

Erika Ravenna da Silva Pires
Assinatura